

# Os três membros do organismo humano

---

**Walther Bühler**

Médico antropológico (1913-1995)

---

Capítulo do livro *O corpo como instrumento da alma*. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1977. 79 p. Tradução de Ursula Szajewski<sup>1</sup>. Publicado com autorização da editora.

Prezados ouvintes,

O homem é um ser que ultrapassa os reinos da natureza – não tanto pela perfeição de seu corpo, mas, sobretudo pela sua vida interior, vida anímico-espiritual, pela força de sua consciência e pela razão. Estes dons interiores lhe permitem seguir um caminho de desenvolvimento especial, dominar a natureza, procurar controlar e estruturar seu destino. Entretanto, todas as suas faculdades anímico-espirituais que culminam na consciência de si mesmo, se encontram ligadas ao seu organismo, e seu destino depende, portanto, amplamente do funcionamento adequado do seu corpo, depende da saúde e doença.

Diante desta dependência, coloca-se novamente a antiquíssima questão da humanidade: de que modo vive a alma humana no corpo; como se adapta ela ao corpo? Indaga-se ainda: onde ou em qual órgão se encontra a sede da alma? Tentaremos apresentar, do ponto de vista médico, algumas reflexões fundamentais sobre estas questões. Pois da imagem que pudermos obter de nós mesmos dependerá em grande parte o modo de cuidarmos da nossa saúde e de dirigirmos nossas vidas, a maneira de nos colocarmos no círculo da família e dos amigos, ou de nos enquadrarmos em toda a humanidade.

As opiniões sobre a relação corpo-alma modificaram-se bastante no decorrer dos tempos, e vocês todos talvez saibam que a pesquisa médica, a anatomia, a fisiologia e todos os ramos da ciência, nos últimos decênios, cada vez mais chegaram à conclusão de que o cérebro é a sede da alma. Isto decorre do fato de observarmos que, à medida que certos processos faltem

ou não funcionem corretamente no cérebro, a consciência humana é alterada ou mesmo pode se apagar subitamente. Lembrem-se vocês de que, por exemplo, em caso de pressão arterial baixa, não estando o cérebro suficientemente irrigado de sangue, e talvez o recinto estando mal arejado, poderá ocorrer uma perda da consciência (desmaio), simplesmente por irrigação sanguínea deficiente. Embora, talvez, os outros órgãos funcionem perfeitamente, o homem cai num estado semelhante ao sono, do qual, no entanto, não pode ser despertado pelos meios habituais; de qualquer modo, seu pensamento, seu sentimento e sua volição (vontade) estão temporariamente apagados. Tais fenômenos e outros – como, por exemplo, na velhice onde vemos que as artérias calcificadas e estreitadas não fornecem suficiente sangue e oxigênio ao cérebro, de modo que a respiração interna do órgão não pode funcionar – nos revelam que a vida espiritual do homem fica então reduzida, a memória e a capacidade perceptiva não mais funcionam corretamente. Pode acontecer que uma pessoa perca sua verdadeira autoconsciência e a possibilidade de estruturar sua vida com o auxílio do pensamento. Tal pessoa, talvez, poderá viver ainda por dez anos, relativamente sã em seus outros órgãos, mas seu cérebro está calcificado. Sua alma não mais pode externar-se adequadamente. Muitas observações deste tipo e naturalmente outras muito mais complexas (pesquisas minuciosas do cérebro e dos nervos que dele partem) levaram ao estabelecimento da seguinte opinião: toda vida anímica se relaciona com o cérebro.

Chegou-se mesmo a dizer, numa época totalmente materialista – e muitos o dizem ainda hoje ã, que são os próprios processos cerebrais, processos químicos

---

<sup>1</sup>Do original alemão: Bühler W. *Der Leib als Instrument der Seele in der Gesundheit und Krankheit*. Stuttgart: Verein zur Forderung eines erweiterten Heilwesens e. V., 1955.

e físicos, que geram a vida anímica e a consciência; observando como uma flor no auge do seu desenvolvimento, na florescência, exala alguma coisa a mais, o perfume, nasceu em muitas pessoas a seguinte ideia: o cérebro exsuda ou exala, por assim dizer, a alma. E como o perfume que é volátil desaparece quando a flor murcha ou morre, assim também a alma humana é mortal e perecível, já que está ligada ao corpo. Vocês veem, portanto: quem levanta a questão sobre a sede da alma chega às perguntas fundamentais sobre a vida humana, perguntas que atingem a todos e que cada qual se coloca em momentos de tranquilidade: para que existo? Qual é o sentido da minha vida? Haverá uma continuação após a morte ou será a morte o fim de tudo, tudo tendo sido em vão? Todas essas questões influem profundamente sobre o humor e a atitude do homem diante da vida – sobretudo quando as respostas encontradas são negativas – e influem, por isso, sobre toda a comunidade, sobre a vida da comunidade e sobre a estrutura social.

Tentaremos agora abordar este problema partindo de um aspecto bem diferente. Da mesma forma como vocês sabem da existência externa de nuvens, árvores e pedras, sabem também por experiência interior que sua vida interior que se pode observar um pouco possui diversas possibilidades e formas. Quando vemos, em nosso interior, qualquer imagem do passado, sabemos que isso se relaciona com a memória, com nossa lembrança. Podemos mover tais imagens em diversos sentidos, podemos transformá-las, modificá-las, relacioná-las umas com as outras e dizemos, então, que estamos pensando. Quando, por outro lado, alguma imagem interna nos transmite um sentimento de alegria, de prazer, de simpatia ou antipatia, ou de medo, sabemos que nossa alma é capaz de sentir. E quando este sentimento se acentua cada vez mais, quando a antipatia atinge o estado de ódio ou a simpatia se torna desejo de posse, percebemos que somos impelidos para algo, que algo nos impulsiona a transformar em ação algum pensamento nosso! Experimentamo-nos então, interiormente, como seres humanos dotados de vontade, seres que agem: a vida humana transcorre em pensamentos, ou seja, gerando imagens e ideias, em sentimentos, alternando entre prazer e desprazer, entre alegria e tristeza, e ainda em atos volitivos. Apresenta-se então a seguinte pergunta: como se relaciona essa vida anímica com aquilo que se vê externamente no homem, com a corporeidade material que todos nós carregamos?

Examinemos uma vez o que se passa no querer, na vontade humana. Observem qualquer pessoa, ou

a si mesmo, durante o trabalho: por exemplo, indo ao jardim e observando o jardineiro cavando um canteiro, afastando flores murchas, movimentando a terra, semeando, ou empurrando o carrinho de mão. Vocês estarão presenciando o ser humano em sua atividade volitiva. Ele movimenta as matérias do mundo exterior, as aproxima ou afasta, as transforma. Ora, só pode fazer isso porque ele próprio se movimenta, porque é dotado de uma certa mobilidade própria. Não é uma estátua de mármore que, rígida, exerce um efeito mágico ao seu redor. Ele precisa da mobilidade de seus membros, braços e pernas, uma certa mobilidade do próprio corpo, do tronco, a fim de intervir no mundo ambiente, movendo-o. Ora, se uma pessoa não está habituada a certo tipo de trabalho – pois toda atividade volitiva do ser humano é trabalho, quando tem sentido –, se, por exemplo, ela chega do escritório e vai ajudar no jardim ou talvez até numa pedreira, pode acontecer que, dois dias depois, ela sinta de repente dores muito fortes, o que chamamos de ‘ressaca’ muscular. É bom que exista a possibilidade de sentirmos tal ‘ressaca’, pois nos faz perceber que precisamos dos músculos para colocar em atividade nossa vontade. O que seria de nós sem o sistema muscular? O médico fala justamente em sistema muscular, porque reúne todos esses músculos de formas e tamanhos variados sob este conceito de sistema. Naturalmente, de pouco serviria a estes músculos sua capacidade de contração, endurecimento e relaxamento, se não houvesse a resistência dos ossos, nos quais se fixam pelos tendões, adquirindo a base firme para que possam desenvolver sua força para fora. Percebemos agora como os ossos, por sua vez, também estão organizados de forma móvel, graças às articulações, ligamentos etc. Temos então o que poderia ser chamado de sistema motor (sistema dos membros), abrangendo tudo aquilo que se apresenta em forma de ossos tubulares, e que é transmitido pelas articulações e movido com auxílio dos músculos. E através da ‘ressaca’ muscular podemos sentir, justamente, como a vontade exerce seus efeitos, como ela vive, como a força volitiva precisa do músculo e de todo o sistema motor como instrumentos. Portanto, desenvolvendo forças volitivas, a nossa alma vive no sistema motor.

Ora, um fato muito singular é que o homem possui músculos que escapam à sua vontade, sendo, não obstante, ativos. Vocês podem apanhar com as mãos um alimento, podem reduzi-lo em pedaços, podem levá-lo à boca, podem prosseguir a atividade volitiva mastigando, movendo o alimento com a língua, amassando-o e o podem engolir. Até aí a atividade muscu-

lar é voluntária. Mas no momento em que foi engolido o pedaço do alimento, inicia-se outra atividade. O alimento desliza pelo esôfago, é transformado no estômago, atinge o intestino e finalmente, por muitas vias e após muitas transformações, chega ao sangue e ao fígado. E se examinarmos o modo pelo qual se processam estas transformações, estes deslocamentos da substância alimentar, estes movimentos metabólicos, perceberemos que tudo isto envolve também a atividade de músculos. O próprio esôfago já é um tubo musculoso, o estômago é, de certo modo, um saco, mas suas paredes possuem uma maravilhosa estrutura, incluindo não só a mucosa gástrica, mas também delicados músculos, agrupados de forma bem determinada e capazes de desenvolver uma força considerável. E quando, em seguida, em movimentos rítmicos, os alimentos, em estado líquido são empurrados adiante, comprimidos e, novamente, espalhados sobre extensas superfícies, tudo isso envolve atividade muscular. E vocês sentem, desta maneira, que nestes músculos atua uma força que devemos entender como uma espécie de vontade que escapa à nossa vida anímica consciente. Podemos, de fato, falar em forças volitivas inconscientes e aprender, como nossa vida anímica se enraíza profundamente no corpo através de forças volitivas que atuam na movimentação e transformação das substâncias pelas vias da alimentação e da digestão, por via de tudo aquilo que transcorre em seguida, nos movimentos de substâncias cada vez mais sutis no fígado, no sangue e na circulação. É importante, entretanto, não conceber estas trocas como sendo exclusivamente mecânicas; devemos saber que elas são dirigidas pelas forças de vontade do ser humano. Temos assim, ao lado da atividade volitiva dos membros, a atividade mais interior da volição radicada na parte orgânica, que permanece inconsciente e que se resume nos processos metabólicos, no sistema metabólico. Podemos dizer, portanto, ao contemplarmos o homem como um todo: em seus membros e em sistema metabólico, ele é portador do querer, ele tem aí o instrumento de sua volição.

Os principais órgãos do sistema metabólico se situam abaixo do diafragma: estômago, intestino, fígado etc. Nestes órgãos, nesta cavidade abdominal, tudo é movimento. O estômago se movimenta sempre que está em atividade. O intestino também está em movimento, não podendo se determinar exatamente a posição das alças intestinais, pois elas são móveis. Até mesmo órgãos como baço e fígado podem expandir-se, contrair-se; vocês podem perceber como o baço participa da digestão ou dos movimentos do sistema locomotor, quando, durante uma caminhada acelera-

da, vocês sentem 'pontada de lado'. Nessa ocasião, um órgão em sua atividade volitiva, normalmente inconsciente, de certo modo, se torna consciente. A vesícula biliar, ao se expandir e contrair, trabalha assim com 'manobras' que permanecem no inconsciente. E através destas manobras fornece a bile, amarga e cáustica, a fim de transformar as substâncias alimentares.

Pretendi mostrar como tudo o que aí acontece, transcorre em movimentos e em mobilidade dos órgãos. Todos estes trabalham de forma integrada e podem ser designados, em conjunto, como 'sistema metabólico e dos membros', que inclui a função de estruturação material (anabolismo) do ser humano, ao qual fornece sempre novas substâncias. Todas estas substâncias penetram no homem e devem passar pelas forças anabolizantes do sangue. E vocês sabem que o sangue é formado também no interior dos membros, na medula óssea, onde ocorrem importantes processos. É aí que são produzidas as hemácias e alguns dos leucócitos, enquanto no fígado e em outros órgãos são preparadas as proteínas do sangue, o açúcar para o sangue etc. O próprio sangue, por sua vez, é um órgão que se encontra em constante movimento. Em toda esta mobilidade, agem forças de vontade, profundamente ligadas ao organismo.

No polo oposto ao que descrevemos, encontramos outro aspecto, totalmente diferente, do ser humano. O anatomista diz que o homem possui três cavidades em seu corpo; acabamos de descrever uma delas, que se encontra abaixo do diafragma. As duas outras são a cavidade torácica e a cavidade craniana. É esta última que contemplaremos agora. No interior da calota craniana encontra-se o cérebro, órgão complicadíssimo. Embora sendo relativamente pequeno, seu estudo exige do estudante de medicina muito mais tempo e esforço do que o estudo de todos os órgãos da cavidade abdominal. Como é este órgão? É singularmente pálido e cinzento, e seu aspecto no interior da calota craniana evoca espontaneamente o aspecto do intestino. Porque vemos aí muitos meandros, formações estranhas que se interpenetram; fala-se em giros e sulcos cerebrais. Mas existe uma grande diferença em relação ao intestino; pois o cérebro é, para surpresa nossa, totalmente imóvel. Todas estas circunvoluções são fixas entre si, e os milhões de células cerebrais com suas numerosas fibras, ramificações e prolongamentos que chamamos de nervos e que parte do cérebro para todo o corpo são absolutamente imóveis. São tão imóveis quanto, por exemplo, os fios esticados entre os postes telefônicos. A tal ponto são imóveis os nossos nervos. E o cérebro inteiro, como órgão, não deve se expandir

e nem se contrair um só milímetro. Se o fizesse, teríamos imediatamente terríveis dores de cabeça, ou seja: não mais estaríamos sãos. Portanto, ao considerarmos a cabeça humana, entramos num campo no qual toda a mobilidade descrita em relação ao sistema de membros e metabolismo chega a uma imobilidade quase que absoluta. Isto se revela, ainda, no seguinte fato: todos os ossos do crânio, em torno de vinte, ã com uma única exceção –, são firmemente encaixados entre si, pelos bordos denteados, de modo a impedir qualquer articulação ou deslocamento. Através das suturas ósseas, estes se engrenam de modo complicadíssimo e absolutamente indesviável, formando um conjunto rígido e imóvel em si. A calota craniana é como um cárcere no qual se encontra atado o órgão cerebral, cujas circunvoluções chegam ao ponto de deixar suas marcas no osso: vemos que o cérebro não pode absolutamente movimentar-se, pois o próprio osso ainda o mantém encurralado e fixo.

Os ossos cranianos, aliás, são totalmente diferentes dos ossos dos membros. Estes últimos têm uma disposição radial e, até na coluna vertebral, são de estrutura coluniforme, enquanto os ossos cranianos têm a forma de bacias e formam um conjunto que não se irradia de dentro para fora, mas que se arredonda e se encerra numa espécie de esfera. Surge uma forma esferoide. É assim que o crânio se isola da mobilidade e atividade do restante do corpo, passando para um estado de imobilidade e rigidez. Institui-se deste modo, uma situação profundamente oposta entre a cabeça e os membros. Esta oposição se traduz em muitos aspectos, dos quais quero abordar alguns.

Quando o estômago ou a mão trabalham, precisam de substância. O sistema dos membros e do metabolismo tem por função intervir no mundo da gravidade, mover este mundo, captá-lo e transformá-lo. O estômago quer receber peso material sob uma forma ou outra: ele precisa de algo para amassar e elaborar. – Comparem vocês agora com isso, como se comporta a cabeça diante da matéria. Podem observá-lo muito bem na hora do almoço. A cabeça faz com que a mão lhe traga alguma substância e nisso, faz um pequeno empréstimo ao sistema dos membros. Adquire um sistema articulado, o único osso móvel da cabeça, o maxilar inferior. Ao capturar a matéria, assim que a tiver mastigada, se apressa a expulsá-la de sua esfera (cavidade oral) para regiões inferiores. Diz ao estômago: entrego a ti esta tarefa; não quero mais saber disto! E passa então a captar substâncias mais sutis, mais fáceis de elaborar: respira o ar. Mal percebeu sua composição, seu odor ou seu frescor – já não quer mais o

ar e o envia, por sua vez, para baixo. O ar atravessa a laringe e vai à cavidade torácica. A cabeça não quer mais saber dele. – Se o ar atinge outro orifício da cabeça, por exemplo, a orelha, a cabeça parece admiti-lo. Entretanto, estabelece logo uma barreira! Do ar que penetra pelo conduto auditivo, a cabeça repele toda a materialidade; as moléculas do ar não ultrapassam o limite do tímpano. A cabeça só conserva a parte mais fina do ar: o ritmo, as vibrações, o som. Estes, de fato são admitidos à cabeça.

Vemos assim, como assim a cabeça entra em contato com o mundo, mas o faz recusando sempre tudo aquilo que possa lhe causar peso, que possa prendê-la à substância, à matéria, e retendo apenas o mais sutil, o que não mais é material: do alimento, apenas a sensação gustativa, doce, azedo ou amargo, do ar somente o som ou a sensação de aroma. Finalmente, com o olho, ela se abre ao mundo inteiro. Mas o que capta do mundo? Somente as impressões luminosas, as sensações da cor, as formas dos diversos elementos do mundo material, mas nunca a matéria propriamente dita.

O que, enfim, a cabeça retém de seus numerosos encontros com o mundo? Bem, prezados ouvintes, ela, a bem dizer, só retém imagens. E estas imagens não mais são realidades, são, por assim dizer, fotografias ou sombras do mundo ambiente. Eis o que a cabeça retém, e o que o homem conserva até mesmo com muito cuidado, com o auxílio da memória, de modo que nossa alma sempre pode reavivá-lo. De qualquer modo, vocês veem claramente que são totalmente diferentes os modos pelos quais a cabeça e os membros lidam com o mundo ambiente. De certa forma, a cabeça leva uma existência isolada; comporta-se de modo bastante aristocrático. Qual é, em realidade, sua função? Onde se desvaneceram, nela, todas aquelas forças com as quais, no fígado, no estômago e, também, nos membros o organismo intervéem no mundo material? Lembrem-se do estômago que ao produzir sucos, ácido clorídrico etc., intervéem quimicamente no mundo das substâncias; atuam aí forças grandiosas. Dissemos que são, ao mesmo tempo, forças do anabolismo, ligadas à formação do sangue. Este anabolismo também se manifesta quando, por exemplo, o organismo cura uma ferida, forma novas células ou se regenera. O que acontece, então, quando o organismo concentra todas essas forças anabolizantes, dedicando-as, por assim dizer, a uma única tarefa? Quando todas essas forças anabolizantes se reúnem, ocorre o ponto máximo da capacidade das forças do sangue, da volição e do metabolismo. O resultado não é, então, apenas algo de



relativa pequena importância, um pequeno trabalho, uma pequena troca metabólica ou um pedacinho de pele nova, mas o que surge então é um *ser humano inteiro, um novo ser humano*. O homem se resume, então, organicamente em si mesmo e, através dos órgãos reprodutores, forma-se um novo organismo que é construído e plasmado na matéria. Eis o que eu queria ainda adicionar ao contemplarmos o sistema metabólico. Podemos dizer, sem dúvida, que este polo, digamos este homem inferior – em oposição ao homem superior –, inclui como ponto culminante, a possibilidade da reprodução.

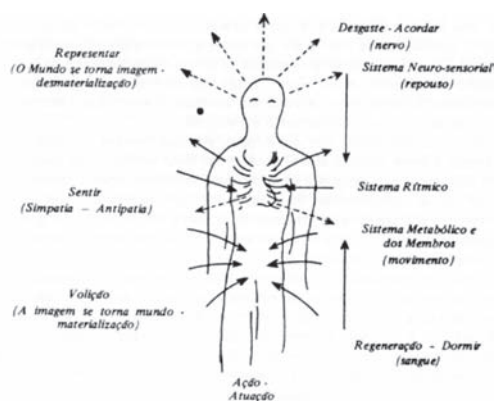
Seria impensável uma reprodução sem divisão celular e sem cuidados na manutenção da própria célula, que é o elemento básico da vida de todos os organismos. É somente graças à capacidade celular de divisão e reprodução, que podemos substituir um pedacinho de pele ou gerar todo um ser humano. Novamente a cabeça se encontra em situação muito oposta. O que vemos aí? *Nenhuma* célula do cérebro é capaz de se dividir, jamais poderá ser compensada uma perda de substância cerebral. O cérebro se comporta, também sob este aspecto, de modo bastante peculiar. Poucas semanas após o nascimento, ele perde toda possibilidade de divisão celular, de regeneração interna, ou de reprodução das células nervosas. Poderíamos dizer que esta atividade do ser humano, tão grandiosamente revelada no organismo inferior, na formação do sangue, na multiplicação celular e na reprodução, regride cada vez mais e finalmente cessa na cabeça, onde, sob o ponto de vista orgânico, o nervo se contrapõe ao sangue. Ali, não cessa apenas a mobilidade exterior; a cabeça renuncia à movimentação de substâncias e até mesmo renuncia a empregar as forças relacionadas com a regeneração e reprodução. Essas forças também se tornam inertes na cabeça.

Poderíamos contar tanta coisa! A conclusão sempre seria a mesma: vocês devem tentar imaginar o contrário de tudo que ocorre no homem inferior, e assim saberão como age a cabeça. Qual será o sentido desta ‘pobreza’ na cabeça? Por que será que ela não atribui valor à alimentação, nem à reprodução, à regeneração, ao movimento? Por que tudo se encontra ali em um estado de paralisia e rigidez? Até poder-se-ia dizer que no cérebro se manifesta uma espécie de preguiça do organismo. Ou talvez deveríamos dizer que ali não há perfeita saúde? Pois diante de um ser que é incapaz de reproduzir-se, de mover-se ou de se curar ficamos tentados a dizer que ele perdeu a saúde. Mas não é possível, que a cabeça tenha exclusivamente uma função tão negativa. Onde fica, então, sua função positiva?

Bem, o positivo da cabeça é – como o percebe quem a estuda mais detalhadamente – que ela também possui uma mobilidade e uma grande produtividade. Não quero dizer que ela seja capaz de girar sobre o pescoço, pois disto se encarregam os membros e os músculos. A mobilidade da cabeça se encontra em outro campo. Encontramo-la ao percebermos que somos capazes de formar, na cabeça, um pensamento e de movimentar este pensamento. Posso evocar internamente uma imagem da memória e posso apagá-la, posso evocar outra imagem ou duas que posso combinar. Com as faculdades da cabeça, posso deslocar-me para países distantes e para tempos passados. Em outras palavras: a cabeça possui uma imensa mobilidade. Move coisas libertadas da matéria, coisas que existem e transcorrem num plano diferente. Ela vive em seu tesouro de imagens. É aí que atua a cabeça, é aí que ela constrói, cria, trabalha. Podemos dizer que ela trabalha, se entendemos por trabalho formação, transformação, movimentação, organização e manutenção cuidadosa; pois tudo isso a cabeça faz com suas imagens. O que o homem inferior faz com a matéria, a cabeça o faz com suas imagens. Estamos nos referindo ao lembrar, imaginar, formar pensamentos, pensar, de um modo geral. Todas estas possibilidades que vocês conhecem pessoalmente poderiam, talvez, ser resumidas sob a palavra ‘representar’. No sistema nervoso, a alma procura escapar dos laços que a prendem aos órgãos e retira suas forças da função de elaboração de substâncias; dirige-se à elaboração das imagens-representações, ou seja, aos conteúdos de sua própria vivência. Ao nível da cabeça, o organismo renuncia a prender as forças da alma, libertando-as para trabalho mais independente (Figura 1, setas centrífugas). É somente por essa razão que a vida da alma pode reluzir na cabeça com toda sua riqueza interior, e daí dirigir todo o corpo. E assim poder-se-ia dizer que a cabeça, renunciando as possibilidades de regeneração e reprodução em sentido orgânico, recria o ser humano em um plano superior, o cria de novo, como ser autoconsciente, espiritual e como personalidade.

Expressamos uma realidade ao dizermos: o instrumento da alma que pensa e representa é a cabeça ou, mais exatamente, o cérebro e todo o sistema nervoso. Os nervos, por sua vez, não podem ser imaginados sem suas portas, através das quais captam, a seu modo, o mundo exterior, ou seja, sem os órgãos dos sentidos. Os mais importantes órgãos dos sentidos também se concentram na cabeça e se prolongam para o interior, através dos nervos, na estrutura maravilhosa do cérebro. O sistema neurossensorial é o

outro polo do ser humano, na medida em que este se resume no homem superior. Este sistema dos nervos e sentidos (como portador da vida representativa – Figura 1) situa-se em oposição polar ao sistema dos membros e do metabolismo.



**Figura 1.** O organismo humano trimembrado.

Ora, o homem tem ainda uma terceira possibilidade em sua vida anímica, a atividade anímica do sentir, que já mencionamos acima em poucas palavras. Compreenderemos melhor o sentir se o vivenciarmos como situado em posição intermediária entre o pensar e o querer. Considerem vocês o que deve acontecer para que um pensamento, mera imagem, se torne realidade no mundo exterior, no mundo material. Vocês têm um pensamento, quicá belo e claro; suponhamos a ideia de uma forma retangular, pensada pela cabeça e por ela denominada de cubo ou de corpo regular. Este pensamento, inicialmente, não tem realidade no sentido exterior. Para que essa imagem se torne realidade, os membros devem apanhar uma substância, seja ela cera ou massa de modelar, barro, mármore, devem trabalhar esta substância e, de repente, eis um cubo, realidade física no mundo da matéria. O sistema dos membros e do metabolismo o formou, e a vontade humana se tornou eficiente. Como isto aconteceu? De que modo a imagem, desprovida de realidade física, encontra o caminho para a realidade exterior? Naturalmente isto se dá pela via da vontade. Mas deve haver um fator intermediário que lança uma ponte sobre o abismo que separa a cabeça dos membros. Interiormente acontece o seguinte: vocês chegam a sentir uma grande simpatia por este cubo, de maneira que ele lhes agrade muito e vocês talvez pensem: é lastimável, no fundo, que esta imagem se perca tão depressa em mim, e que eu realmente não possa mantê-la diante de mim, nem mostrá-la aos outros. Não seria possível mudar isto? E do sentimento de simpatia por essa ideia, bela e clara, surge o

desejo: oh! se somente ela pudesse existir, ganhar forma real! E eis que vocês se encontram em pleno sentimento! E por isso, por serem capazes de sentir, de ter prazer e de gostar daquilo que pensaram ou viram, vocês são internamente impelidos a transformar o pensamento em ato, em vontade. É assim que o sentimento é mediador entre o pensamento e a volição.

Perguntamos agora: em que órgãos, em que funções do organismo se baseia a alma quando sente? A antropologia espiritual da qual falamos aqui dá a esta pergunta uma resposta totalmente nova, talvez mais difícil de se compreender do que aquilo que expusemos até agora. A resposta é a seguinte: o sentimento se apoia em tudo aquilo que, no organismo humano, parte da respiração e transcorre ritmicamente. Desenvolveremos agora este ponto.

Vocês experimentam e observam algo, em si mesmos, quando sentem um prazer ou quando, talvez, até manifestam este sentimento; põem-se então a rir. Vocês não podem rir sem movimentar seu sistema respiratório. E se vocês sentem uma verdadeira alegria, podem observar que o coração, por assim dizer, pula de alegria! Vocês notam, igualmente, quando têm um sentimento negativo, por exemplo, medo ou terror, que empalidecem. Podem observar, também, a palidez dos outros. Se alguém sente, por exemplo, ira ou vergonha, enrubesce. E, de repente, nota-se o seguinte: sempre que se passa algo intensamente no sentir, algo se passa também na circulação do sangue neste fino jogo entre sangue e respiração. Estudando estas formas de manifestações intensas, de prazer e desprazer, percebemos que o ritmo da circulação do sangue, do coração e da respiração passa por sutis transformações correspondentes. De fato, isso poderá ser estudado de maneira mais precisa e ainda será uma tarefa importante, para que no futuro, seja examinada detalhadamente a maneira com que se relaciona aquilo que ocorre no sangue e na respiração com o sentimento humano, com a parte afetiva do homem. A seguir ainda focalizaremos melhor este ponto.

Trata-se aqui, novamente, de um sistema orgânico. Do mesmo modo que falamos em sistema neurosensorial e em sistema dos membros e do metabolismo, podemos falar em um sistema rítmico. Até mesmo na anatomia, na forma exterior do corpo humano, vocês notam formações rítmicas. Lembrem-se da caixa torácica; quão maravilhoso é o modo pelo qual os ossos se adaptam aos ritmos, os músculos se afinam e se organizam ritmicamente no músculo intercostal. A caixa torácica é uma formação intermediária entre

a cabeça e os membros. Por um lado, a costela é distendida, estica-se e quer tornar-se membro. Mas quando ela se torna realmente móvel, separando-se do externo, passa a ser costela falsa. Por outro lado, a costela se torna rígida, ao imitar os ossos da calota craniana, tornando-se cada vez mais plana, arqueando-se, tendendo a encontrar a costela oposta e com ela engrenar-se. Forma-se então a parte superior da caixa torácica, na qual o homem, por assim dizer, ‘cefaliza’ seu tórax. A costela e toda caixa torácica, aparentemente, não sabem o que querem: ora a caixa torácica quer atuar como um membro, em plena liberdade e mobilidade, ora parece formar-se, arredondar-se, ficar rígida e querer ficar imóvel como a cabeça. É exatamente com a mesma ambivalência que o peito se comporta em relação ao mundo externo: ora se liga ao mundo da matéria – na inspiração – ora o procura repelir e libertar-se na expiração. Mas, para poder existir, para ter saúde por si mesmo, o peito tem de se manter justamente no centro entre as duas possibilidades: rigidez e imobilidade absolutas (como ocorre na cabeça) e mobilidade máxima (como ocorre na absorção da matéria e na sua eliminação). E o que resulta como equilíbrio, como mediação? O movimento repousado, o repouso em movimento. Surge o movimento rítmico, movimento ordenado de expansão e contração. Nesse movimento para dentro e para fora, inspiração e expiração, nessa contração e dilatação do coração que se estendem à circulação em direção à periferia – na circulação arterial – e em retorno ao coração – na circulação venosa – vocês podem observar ritmos. Estes ritmos de pressão e relaxamento são o par orgânico, corpóreo daquilo que se passa animicamente quando vocês se alegram ou choram, quando estão divertidos ou tristes, estimulados ou deprimidos. Façam a experiência – procurem imaginar ou fazer surgir, para cada sentimento, um sentimento oposto. Ao amor opõe-se o ódio, ao prazer o desprazer, à compaixão a crueldade. Toda a vida afetiva tece sempre num vai-e-vem e é como se fosse uma respiração ou pulsação anímica. Eis porque o sentir precisa de algo que tenha a possibilidade, até no campo orgânico, de dilatar-se e contrair-se, de movimentar-se em ambos os sentidos. Vocês talvez possam compreender agora, que os órgãos que permitem o funcionamento do rítmico são os principais portadores da alma, na medida em que ela quer agir e viver sentindo. E, como o

sentimento é a ponte anímica entre a imagem interior e a realidade exterior, entre o movimento interno do pensamento e o movimento externo da volição, assim, no plano corpóreo, o sistema rítmico e tudo que, partindo dele, transcorre ritmicamente no organismo é mediador entre o superior e o inferior, ou seja, entre sangue e nervo.

Caros ouvintes, vocês possuem agora uma noção da organização humana em sua totalidade. Surgiu diante de nossa visão uma nova imagem do homem. O homem, com sua própria essência, encontra-se em meio à maior oposição orgânica que se possa imaginar. Essa oposição, de tão ampla envergadura até no plano orgânico, não deve se entrecortar repentinamente, como em curto-circuito, pois isto poderia provocar catástrofes; os pratos da balança oscilariam excessivamente, e o homem adoeceria em corpo ou alma. Algo vem, pois, situar-se no meio, algo que concilia, que harmoniza, que conduz de um polo para o outro: é o ritmo. Desta maneira, aquilo que, a partir das substâncias nutritivas, formou o sangue é ritmado na circulação, através do coração e da respiração, e pode, assim, encontrar uma ligação com o sistema nervoso. Elaboramos a ideia da estruturação trimembrada do ser humano. Vemos como esse organismo que externamente é, ou parece ser, uma unidade, internamente consiste de duas partes e se realiza sob a forma de um contraste ou de uma polaridade. Esta polaridade, no entanto, é mediada através de um terceiro fator, e o homem vence o abismo interior a fim de compensar esta oposição – poderíamos dizer, cura-se novamente naquilo que está separado em polos contrastantes – e é somente assim que ele se torna o homem são. É aí que nasce o instrumento que deve oscilar em suas partes, a fim de poder ser um instrumento útil para a alma.

A corporeidade humana, organizada em três membros e trabalhando de três maneiras diferentes, corresponde à estrutura da vida anímica. Ao repetirmos agora a pergunta sobre a sede da alma, vocês veem que não podemos citar um órgão isolado e dizer que aí reside a alma. Não, prezados ouvintes! Da cabeça aos pés, o corpo humano é instrumento da alma. E é esta a grandiosa descoberta de Rudolf Steiner, entre as muitas que fez pesquisando a vida humana<sup>2</sup>. Anatomistas ou fisiologistas,

<sup>2</sup>A ideia da estruturação trimembrada do organismo humano foi apresentada por Rudolf Steiner pela primeira vez em 1917 em seu livro *Von Seelenraetseln* (Dos Mistérios da Alma) — após 30 anos de trabalho de pesquisa. Veja também *Allgemeine Menschenkunde als Grundlage der Paedagogik* (A antropologia geral como base da pedagogia), 14 conferências de Rudolf Steiner (1919).

não precisamos mais nos limitar à descrição exterior de órgãos ou ao estudo de processos químicos e das transformações de substâncias; pois isto nunca nos permitiria superar os riscos do materialismo. Pelo contrário, cada vez que, como médicos, nos vemos diante do organismo humano, podemos dizer-nos: Todas estas estruturas, formas e processos apontam para algo que existe por trás e que age, cria e se vivencia. Apontam para a alma do ser humano. Ela – encarnada no ser humano terreno – participa à substância as estruturas, composições e ritmos tão maravilhosos, que este corpo material, em todas as suas partes, pode ser portador da alma, porém, das mais diversas maneiras. E justamente este funcionamento, tão diferenciado nas diversas partes, deve ser estudado e considerado com exatidão, sem o que jamais poderíamos compreender, realmente, a relação corpo-alma e, portanto, o próprio homem.

Para terminar, gostaria de resumir estas observações em uma imagem que lhes ilumine mais uma vez toda a sequência de ideias. Quando a alma quer algo, quando quer transformar algo em ato, em realidade, ela o faz como o nadador que se joga na água, mergulha e desaparece temporariamente. É assim que a alma mergulha, pela volição, no mundo material dos órgãos e o move desde seu interior. Ela então expressa vontade. Mas se ela quer encontrar a si mesma, agir em si ao invés de trabalhar substâncias, ela deve se retirar e emergir das ondas do organismo. Este organismo é, então, de importância relativamente secundária, descansa suas forças, e a alma se liberta, se separa e usa o organismo como espelho. Pois, como cada órgão sensorial reflete uma parte do mundo, assim o cérebro é o espelho interior da alma. No cérebro, a alma já não trabalha com forças materiais, não desloca as circunvoluções cerebrais. Isto só ocorre na vida embrionária, durante a formação do cérebro. Mais tarde as circunvoluções cerebrais, por assim dizer, ficam congeladas, enrijecidas, e do cérebro liberta-se a alma. Eis porque o cérebro parece ser um órgão tão inerte. Ele teve de renunciar a muita coisa, porque libertara as forças da alma. E é assim que a alma adquire autoconsciência; refletindo-se no cérebro, ela pode se reconhecer. É como se o nadador, emergindo, chegasse à praia, e dissesse: estive lá dentro. E subitamente percebe: vejo-me no espelho d'água! Agora, não sabe mais como é a água, mas sabe como é ele mesmo. Diante de sua própria imagem, ele se esquece da água. É assim que vocês podem imaginar que a alma vive no cérebro. Vocês percebem melhor, agora, de quantas maneiras diversas o corpo é o instrumento da alma.

Na qualidade de ser dotado de sentimento, entretanto, a alma se encontra em um estado, diria eu, semelhante ao do nadador que não está mergulhado nem tampouco parado na beira da praia, mas que está se movendo na água, nadando; ergue um pouco a cabeça, faz constantes movimentos rítmicos a fim de se manter boiando, mergulha um pouco e volta um pouco à tona. É assim que a força da alma se comporta no coração e na respiração. Tece, cria, submerge um pouco, emerge novamente. E assim, mantendo ritmicamente o equilíbrio entre alto e baixo ã do mesmo modo que o nadador que sempre deve manter o equilíbrio – a alma se vivencia, sentindo, nesse maravilhoso tecer da respiração e da circulação. O batimento cardíaco e o pulso são o jogo das ondas da alma que nada nas forças do sangue.

Peço a vocês que absorvam esta imagem; compreenderão assim, não em abstrações, mas em imagem, como no ser humano agem grandes contrastes e como estes podem ser harmonizados. Vocês reconhecerão como os órgãos têm as mais diversas funções e, não obstante, podem agir harmoniosamente em conjunto, graças ao seu modo de estruturação. Quando no corpo existe essa harmonia do trítone que descrevemos, o ser humano anímico-espiritual possui um instrumento sadio e útil. Rudolf Steiner, certa vez, resumiu a ideia da tríplice estruturação do organismo humano nos seguintes versos que citaremos para terminar esta reunião:

No coração tece o sentir,  
Na cabeça brilha o pensar,  
Nos membros vigora o querer.

Brilho tecedor,  
Tecer vigorante,  
Vigor brilhante:  
Isto é o homem.